

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
Faculdade de Filosofia
Curso de Filosofia (Licenciatura)
Estágio Curricular Supervisionado

RELATÓRIO DE ESTÁGIO IV

**POR UM XAMANISMO CIBERNÉTICO: O TECNOCANIBALISMO NOS
TRÓPICOS DO MAGISTÉRIO**

Relatório de conclusão da disciplina de
Estágio IV do curso de Licenciatura em
Filosofia da Universidade Federal de
Goiás - UFG

Estagiário: Erick Sousa Charu

Prof^a. Carmelita Brito de Freitas Felício

Orientador: Prof. Fabrício David de
Queiroz

GOIÂNIA - GO
Dezembro, 2024

1. Introdução

Tal texto tem como problemática o ensino de Filosofia na educação básica à luz do perspectivismo ameríndio e da filosofia da tecnologia. Primeiramente, será feito um diagnóstico da condição ontológica da modernidade ocidental e, posteriormente, será proposto um novo paradigma conceitual a partir do pensamento selvagem e da cibernética. Por fim, será incorporado meu relato de experiência no Estágio IV acoplado a uma nova perspectiva para o ensino de Filosofia, engendrada através dos investimentos conceituais tecno-ontológicos previamente estabelecidos.

2. Apresentação

O projeto da modernidade se contraefetua através de uma purificação que opera por uma produção extensiva de bifurcações assimétricas, sejam elas corpo e alma (instituído por Descartes¹), epistemologia e ontologia (instituído por Kant²) ou natureza e cultura (ou melhor, espírito e natureza, instituído por Hegel³), além de outras exaustivas bipartições, como sujeito *versus* objeto, interior *versus* exterior, subjetividade *versus* objetividade, artificial *versus* natural. Tais purificações modernas foram moduladas para que se pudesse “distinguir claramente as leis da natureza exterior e as convenções da sociedade”⁴, garantindo assim a vitória do espírito sobre a matéria inerte e mecânica, como se houvesse “uma história contingente, mas apenas para os humanos, desvinculada da necessidade das coisas naturais”⁵.

O critério das ontologias ocidentais modernas é o mononaturalismo, e seu corolário, o multiculturalismo. Esse tipo de ontologia Descola (2023) conceituou como naturalismo: há somente uma única natureza universal e uma pluralidade descritiva sobre essa realidade objetiva, o que produziria um pluralismo cultural. O naturalismo pressupõe uma continuidade puramente física do cosmos (não se duvida que tudo no mundo tem corpo), mas em contrapartida há uma descontinuidade espiritual entre humanos e inumanos, instaurando assim a dominação do homem sobre a natureza,

¹ Descartes (1988).

² Kant (2012).

³ Hegel (2005).

⁴ Latour, 2019, p. 164.

⁵ Latour, 2019, p. 80.

natureza esta que seria constituída por aqueles que têm “falta de mundo”, ou melhor, falta de agência.

Porém, com a chegada do Antropoceno, são postos em suspeita tanto as ontologias naturalistas quanto o ideal hegemônico moderno. É nesse contexto que surge um resgate das cosmologias indígenas, como o perspectivismo ameríndio descrito por Eduardo Viveiros de Castro (2017), como também uma virada ontológica tanto na Filosofia quanto na Antropologia, pensamentos estes que revisam as categorias de “humano” e “natureza”, propondo uma inversão simétrica ao mononaturalismo e ao multiculturalismo ocidental e buscando reagregar categorias que antes estavam divorciadas.

Se antes o axioma do naturalismo era “uma natureza, várias culturas”⁶ (simplicidade metafísica e complexidade epistêmica), no perspectivismo, o epítome é subvertido: “uma cultura, múltiplas naturezas”⁷ (epistemologia constante, multiplicidade real objetiva). Essa invariância epistemológico-cultural se dá porque há no pensamento selvagem uma continuidade espiritual em todo universo, uma antítese ao naturalismo no qual a linearidade era de natureza material.

Na mitofísica indígena, tudo no mundo tem alma, ou seja, é um pampsiquismo, em que ocorre uma dispersão cósmica da agência, uma multiplicação e democratização das intencionalidades que povoam o cosmos. Em contrapartida, há uma descontinuidade corporal, que é signo da multiplicidade de perspectivas, no qual o conceito de ser humano é estratificado e alargado. É humano quem está na perspectiva de agente cosmológico, ou seja, todo o real é virtualmente humano, em sua própria perspectiva.

“O perspectivismo é um multinaturalismo”⁸, diz Eduardo Viveiros de Castro (2018). Trata-se de uma ontologia infundamental e desubstancializada, em que não existe mais um substrato universalista que é “em si e por si”⁹. Tudo depende de um ponto de vista localizado e espacialmente carnalizado, pois a perspectiva está na matéria. Matéria esta que não é mais inerte, como Descartes (1988) formulou (reforçando, portanto, a necessidade de um Deus transcendente que colocasse movimento na matéria). No perspectivismo, a matéria é infundida de alma, a matéria

⁶ Viveiros de Castro, 2018, p. 60.

⁷ Viveiros de Castro, 2018, p. 61.

⁸ Viveiros de Castro, 2018, p. 60.

⁹ Definição de substância na Metafísica de Aristóteles (2012) e adotada por toda tradição conseguinte.

é por si só intencional, vibrante¹⁰, informacional¹¹. É a matéria, ou melhor, é o corpo que produz o mundo, é a carne que fabrica a natureza, e que gera a possibilidade de múltiplas perspetivações.

Antes de falar propriamente sobre essa dimensão estético-corporal da perspectiva, é importante ressaltar que essas ontologias amazônicas desestabilizam o vórtice do pensamento moderno, ao inaugurar “o tempo de esbofetear bifurcadas”¹², ou seja, é uma dissolução das dicotomias purificadoras engendradas pela modernidade. Não há mais a díade mente e corpo, pois agora a matéria é infundida de alma; nem epistemologia e ontologia, já que é o ponto de vista que produz a realidade, e muito menos natureza e cultura, uma vez que a subjetividade foi dispersada por todo o cosmos. Aquilo que, em nossa perspectiva, entendemos como natureza e apenas um fato bruto pode ser a cultura de outras espécies – o que chamamos de sangue é a cerveja do jaguar, um barreiro lamacento é uma casa cerimonial para os tapires. A subjetividade é um objeto entre outros, o sujeito é a coisa mais comum do mundo, o fundo do real é a alma. Dessa forma, o que há é uma rede sociotécnica de actantes que reagrega uma multiplicidade de agenciamentos, na qual tudo age, tudo pensa, tudo produz cultura e natureza. É aqui onde o inorgânico reencontra o orgânico, onde a máquina se reconcilia com o vegetal.

Não há mais a ideia de uma natureza bruta, intocada, dada. Na verdade, o que temos aqui é um processo de artificialização, virtualização e desnaturalização da natureza. No que diz respeito à artificialização, a própria natureza vira um artifício, uma prótese, que é fabricada pelo corpo. “Assim como toda técnica é uma cosmotécnica, toda cosmologia é também uma técnica”, observa Eduardo Viveiros de Castro (2024). Isto é, assim como os artefatos atuam na semicadeia sociotécnica que produz nossas cosmovisões, a ontologia é também uma produção técnica, tanto do corpo quanto das próteses integradas a ele. Com relação à virtualização, devido ao alto índice de aparatos técnicos integrados em toda e qualquer perspectiva, o real se torna impossível, como diz Land (2011), a experiência é irremediavelmente mediada por um sistema de dispositivos que atuam em um processo de virtualização do real, como diz Santaella (2003): “toda realidade é percebida de modo virtual”. Por fim, quanto à desnaturalização, é somente desnaturalizando a natureza que ela se torna,

¹⁰ Vibrant Matter, Bennet (2010).

¹¹ Postulado da cibernética, feito por Wiener (2017).

¹² Mallarmé (2013).

enfim, política, ou melhor, cosmopolítica, uma vez que, enquanto houver uma descontinuidade assimétrica entre o natural e o social, a natureza não poderá ser politizada, pois a política é da esfera da cultura.

O multinaturalismo é uma ecologia cosmopolítica. Ele opera por uma amplificação de devires (vegetal, mineral, inorgânico, conceitual, maquínico) e por uma lógica multiespécie e transindividual¹³, saindo do excepcionalismo antropocêntrico e reagregando vários mundos e vários agenciamentos inumanos em favor de uma diplomacia cósmica, em antítese às ontologias modernas que se efetivaram em decorrência do fim de diversos outros mundos.

Mundos estes que são produzidos pelo corpo, ou seja, a produção intensiva do real é da ordem carnal, é um pluralismo ontológico da diferença sensível. Há no plano material uma descontinuidade que é critério para a diferenciação corporal, que é o que engendra a variedade ontológica – reafirmando, a natureza está na carne. Essa assimetria material é mais sobre um maneirismo corporal do que uma diferenciação fisiológica dos corpos, ou seja, o modo pelo qual os seres existem sensivelmente é que decide sobre sua ontologia, modos de existência produzem mundos diferentes. As afecções e disposições corporais de uma espécie produzem o mundo dela, o que ela come, se é gregária, solitária, como se veste, os artefatos que utiliza. É sempre um feixe de afetos, potencialidades e capacidades.

Além disso, essa descontinuidade física e real ocorre porque o perspectivismo é uma mitofísica amazônica da predação, e a predação é da ordem da assimetria (um ser dá ao outro algo de si sem receber nada em troca), como mostra Descola (2023). Ou seja, o critério de presa e predador depende do ponto de vista adotado, é uma economia do desequilíbrio perpétuo, símile à lógica de filiação consanguínea: o jaguar é presa do ser humano, mas o humano não é predado pelo jaguar, assim como há uma inconstância assimétrica no parentesco (estabelecido o ponto de vista, tornam-se intransponíveis as figurações). Se não houvesse esse descontínuo ontológico e de perspectivas, o multinaturalismo seria uma monadologia¹⁴, na qual existem várias mônadas que expressam uma mesma mononatureza.

¹³ Conceito simondoniano usado para descrever um processo de individuação na relação com outros indivíduos, defendendo que o indivíduo não pode ser compreendido nem engendrado isoladamente.

¹⁴ Leibniz (2016).

Além dessa dimensão corporal da produção intensiva do real, temos imanente a ela uma modulação técnica latente em todo o cosmos e em todas as espécies, que age no plano estético-sensível. Os artefatos agem como uma produção tecnológica da carne, que produz formas de subjetivação, modos de existência, perspectivas e, conseqüentemente, mundos. É, em sentido estrito, uma cosmotécnica¹⁵. Os artefatos não são somente prolongações do corpo, mas a produção dele mesmo, como mostra Preciado (2013). Trata-se de uma modulação da matéria corporal e da diversificação do real.

Entretanto, por mais que esses artefatos técnicos estabeleçam uma associação entre o corpo e o meio, não perdem sua autonomia animista. Eles têm suas próprias perspectivas, mundos e individuações (os chocalhos, as máscaras guardam seus próprios mundos, sonhos e espectros virtuais). A técnica não é meramente instrumental, como mostra Simondon (2020), os objetos técnicos também são indivíduos e sofrem individuações. Na mesma medida em que eu uso os objetos técnicos, também sou usado por eles – os dispositivos refletem nossas cosmovisões e também produzem nossos pontos de vistas, ou seja, agem na cadeia de produção do real.

É nesse contexto que surge minha inquietação, influenciado pela oficina realizada pelo professor Fabrício David de Queiroz (professor do CEPAGE), na qual se propunha uma atividade ao ar livre com os alunos e alunas dos 5º anos, em que eles tinham que tirar fotos dos espaços, para que no fim se produzisse um conhecimento de si. Percebi que tal experimentação filosófica focalizava a noção de ponto de vista nos processos de formação dos sujeitos, no qual a alteridade inumana não era objetificada, invertendo estrategicamente o ideal epistêmico moderno (segundo o qual, conhecer era objetificar, retirar todo aspecto subjetivo). Subversivamente, a oficina de experimentação filosófica era uma ode à máxima perspectivista “conhecer é personificar”¹⁶, conhecer é tomar o ponto de vista daquilo que deve ser conhecido, em que a forma do outro é a pessoa, colocando todo objeto virtualmente como sujeito.

A concretização desse sistema se dava a partir de uma reincorporação simbiogenética da técnica (câmera fotográfica), meio associado (espaços abertos,

¹⁵ Conceito criado pelo filósofo chinês Yuk Hui (2020), operando uma crítica à tecno-hegemonia ocidental, na qual prefigura uma indissociação entre tecnologia e cosmologia. O modo como os animais se vestem e os artefatos por eles utilizados não só é um reflexo de suas cosmovisões, como também é uma fabricação corporal e ontológica de seus mundos.

¹⁶ Viveiros de Castro, 2018, p. 46.

natureza, inumano) e o próprio indivíduo humano, já que o objetivo da atividade era gerar um conhecimento sobre si através das fotografias. Dessa forma, se modulava uma nova produção do real a partir de uma espécie de xamanismo ciborgue, operado por uma personificação cibernética, que se distancia da purificação moderna, através de uma associação de elementos heterogêneos, um *continuum* entre natureza e cultura, um híbrido tecnogeográfico.

Desse modo, a escola, antes colocada somente na bifurcação da cultura, opera agora como uma máquina cibernética, um sistema de redes, e não de paredes como diz Paula Sibilia (2012), reagregando e conectando o humano e o inumano, o dentro e o fora, a máquina e o orgânico, em uma cadeia sociotécnica que produz uma natureza geontológica a partir de uma geofilosofia, nos termos de Deleuze (1997).

Isso se efetua através da utilização de metodologias educacionais orientadas ao fora, que a filosofia havia perdido até então com Kant (2012)¹⁷, e ao corpo e sua perspectiva, confrontando os binômios produzidos pela modernidade. Propõe-se, assim, um amálgama com o objeto abandonado pela cultura, devolvendo ao humano “a outra metade de si mesmo”¹⁸ a partir de uma mediação técnica que produz um agenciamento estético-corporal e uma atualização coletiva do real.

Há também na operação técnica do artefato fotográfico uma certa relação orgânica entre o ser humano e o ser técnico. A câmera permite uma articulação entre a perspectiva, o indivíduo e o dispositivo, em que todo gesto corporal é também um gesto técnico na operação tecnológica, como mostra Carolina Peres (2024). Essa organicidade revela uma semicadeia complexa entre a máquina e o organismo, entre a carne e o real, e também uma ressonância interna com os subconjuntos do objeto técnico, sua concretização e seu ponto de vista¹⁹. Isso produz não só uma sinergia tecnocorporal, como também uma unidade entre meio geográfico e o meio técnico, em que há uma integração do meio associado (natureza) com o processo de concretização técnica, tal qual a turbina de Guimbal²⁰. Isto é, a operação fotográfica depende do mundo circundante que fotografa, da exposição luminescente que vem desse fora, numa relação simbiogenética com os elementos internos da câmera. O

¹⁷ Devido o abismo noumênico estabelecido pós Crítica.

¹⁸ Latour (2019).

¹⁹ Uma outra câmera produziria uma perspectiva do real distinta, pois sua estrutura interna é diferente.

²⁰ Exemplo tratado por Simondon (2020) ao abordar sobre objetos técnicos que têm uma relação sinérgica com o meio associado. Nesse caso, uma turbina colocada em um rio cuja operação se dá através do fluxo da correnteza.

meio associado é também um meio tecnogeográfico, a máquina exige um meio associado que também faz parte do seu mecanismo e é sinérgico com seus subconjuntos técnicos. Assim, o meio geográfico seria também operacional, uma natureza eletrônica e cibernética.

O agente que produz imagens através da tecnicidade não só associa a máquina à natureza e o artifício à carne (como dito anteriormente, uma produção tecnológica da matéria e do mundo), como também dá aos seres que fotografa um vitalismo animista quase xamânico, uma transdução de objetos para sujeitos intencionais, como diz Simondon:

Aquele em quem a gênese das imagens revela o desejo de existir dos seres; - de existir, ou melhor, de existir uma segunda vez renascendo em um universo significativo no qual cada realidade local comunica com o universal e onde cada instante, em lugar de ser sepultado no passado, é a origem de um eco que se multiplica e se matiza diversificando-se. (Simondon apud Novaes; Vilalta; Smarieri, 2022, p. 216)

Com a produção dessas imagens, há um processo de individuação no qual o agente conhece sobre si mesmo, sobre o objeto técnico e sobre os seres inumanos que fotografa, produzindo maquinicamente tanto a si mesmo e o seu corpo quanto o real, já que “para construir o mundo não há nenhuma necessidade de fabricar um objeto diferente de si” (Coccia, 2010, p. 43).

3. Relato de experiência

Na aula que ministrei este semestre no Estágio IV, busquei fundamentar os princípios metodológicos a partir dos investimentos conceituais caros às conceitualizações filosóficas da minha pesquisa. Por ser uma aula sobre Ética, e também a primeira desse bloco temático, busquei formular uma aula introdutória e que engendrasse uma sensibilização nos e nas discentes, tentando traçar uma linha de fuga contra uma captura abstrata que se poderia ter dos códigos conceituais inscritos no tema, algo que também foi indicado pelo próprio professor supervisor Fabrício David de Queiroz.

Dessa forma, conjecturei que talvez fosse interessante o uso de algum aparato lúdico acoplado a uma condução dialogada da aula, para que se produzisse uma síntese iniciática ao conteúdo. Logo, busquei rememorar dilemas éticos para que

forjasse um sistema de captura da atenção deles e delas durante a aula. Assim, acabei lembrando do “problema do trem”, um exemplo clássico na fortuna crítica sobre ética, no qual há um trem descarrilhado e o maquinista tem que escolher em qual dos trilhos passar, um contendo um idoso e outro um bebê. Decidi que utilizaria esse exemplo como alicerce da minha aula, para que, partindo desse fluxo de significação, gerasse uma filiação com o dispositivo lúdico, que operava pelo mesmo regime de codificação: o trem, os trilhos e os personagens.

O dispositivo lúdico era um jogo que se chama “Trial by Trolley” e funciona primeiramente com a construção de dois grandes grupos, os quais retiram cartas aleatórias do monte para que se configure cada um dos trilhos, constituídos por alguns personagens bons e outros ditos ruins. Após essa individuação dos trilhos, cada grupo deve tentar convencer o maquinista, uma pessoa fora dos dois grupos, lançando mão de argumentos para que ele não passe sobre o seu trilho. O grupo que tiver o trilho escolhido menos vezes é o campeão.

A ideia inicial era fazer com que, após o registro dos índices conceituais, mediados por uma abordagem dialogada, ao integrar o sistema lúdico, as e os alunos retroalimentassem a máquina lúdica com os investimentos simbólicos previamente transmitidos durante a aula. Assim sendo, iniciei minha aula no dia 4 de novembro de 2024 na escola-campo CEPAE (Centro de Ensino e Pesquisa Aplicado a Educação) a partir de uma condução interlocutória com os e as estudantes, operando uma significação simbólica do “problema do trem”. Tal período da aula teve um hiperfluxo informacional dos e das alunas, mostrando um certo envolvimento vortico com o dilema ali apresentado. Ao fazer a modulação do tema a partir da utilização do exemplo do trem, busquei prefigurar experimentos mentais (sintetizadores imagéticos integrados ao sistema da aula) para que operassem uma produção intensiva do real – que nesse caso era a Natureza²¹ da Ética – de maneira conceitual e ontológica. Posteriormente, depois de ter amplificado as variações imagéticas desse dilema ético, introduzi estrategicamente alguns conceitos do eixo temático, tais quais: Ética, Moral, Valor, Dever e algumas concepções éticas. Nesse momento, houve um maior distanciamento da turma com relação aos conteúdos apresentados, por conta do caráter mais abstrato dos símbolos estratificados, ou talvez por ser os últimos dois horários da manhã.

²¹ Natureza aqui utilizada nos dois sentidos, tanto essência quanto realidade.

Em seguida, reincorporei o exemplo do trem, porém agora como um dispositivo lúdico que buscava associar, enfim, um aparato produtivo ontológico do tema e das situações presentificadas pelo jogo, em uma semicadeia tecnoconceitual, na qual a ficção performativa se consubstanciaria com o real, uma práxis hipersticional em que as “ficções se fazem reais através da prática coletiva”²². Ou melhor, uma alucinação imersiva intensificada por um impulso lúdico²³ que opera por um regime patafísico²⁴ que cultiva e atualiza coletivamente o real inscrito naquele *socius*.

Ao inaugurar o jogo, houve novamente um fluxo hiperinformacional devido à imersão coletiva das e dos alunos, quando utilizaram, em certa medida, dos aparatos conceituais éticos anteriormente apresentado e souberam argumentar bem em favor do trilho deles, evidenciando talvez um certo aprendizado com relação aos conceitos apresentados precedentemente.

Por fim, acho que o saldo foi positivo, principalmente no que concerne à pedra angular de minha aula: a sensibilização e a introdução. As e os alunos se engajaram bastante com os dilemas apresentados e também com aquela realidade lúdico-conceitual ali forjada, demonstrando um certo aprendizado com relação ao arcabouço conceitual introduzido naquela aula.

4. Tecnocanibalismo & ensino de Filosofia

A figura do xamã tem um papel completamente idiossincrático na ontologia dos tupinambás. O xamanismo efetua uma translação de perspectiva através de uma desestratificação corpórea. Assim, o xamã seria uma máquina transdutora, um Caronte²⁵ tribal que opera nos limiares intensivos das estratificações siderais das perspectivas, fazendo a travessia da linha abissal que separa o humano do animal e encarnando um diálogo cósmico ao fazer emergir mundos através de uma síntese produtiva do real inumano. Escreve Viveiros de Castro:

²² Land (2011)

²³ Conceito do filósofo Schiller (2017), no qual o impulso lúdico seria a síntese entre a sensibilidade (impulso sensível) e a razão (impulso formal). Essa integração promove para o homem sua máxima liberdade criativa e estética.

²⁴ Ciência das soluções imaginárias.

²⁵ Caronte é um personagem da mitologia grega responsável por transportar as almas dos recém-mortos do mundo dos vivos para o mundo dos mortos.

O xamanismo pode ser definido como a capacidade manifestada por certos humanos de cruzar as barreiras corporais e adotar a perspectiva de subjetividades não-humanas. Sendo capazes de ver os não-humanos como estes se veem (como humanos), os xamãs ocupam o papel de interlocutores ativos no diálogo cósmico. Eles são como diplomatas que tomam a seu cargo as relações interespecies, operando em uma arena cosmopolítica onde se defrontam as diferentes categorias socionaturais. (Viveiros de Castro, 2017, p. 469)

Tal transmutação xamânica de perspectiva, além de verter o dualismo cosmológico moderno, ao passar da linha abissal²⁶ que separa o visível (humano-antrópico) do invisível (plano intensivo da multitude virtual dos espectros animais e espirituais), também opera através da acoplação de artefatos tecno-xamânicos, como as máscaras, os chocalhos, substâncias químicas, a dança. Esse circuito incorpora uma série de conectores e condutores que produzem uma síntese disjuntiva e inclusiva de perspectivas²⁷ (desafiando a transcendência da morte), no qual o xamã atravessa fluxos e mundos, sondando a floresta densa e impenetrável dos espectros inumanos, invocando um recorte no “delírio de carne xamânico”²⁸. Escreve Land:

O xamanismo não espera a pós-modernidade para mobilizar uma imagem de intervenções cirúrgicas e dissecações, body piercing, transplante de órgãos, ajustes protéticos com componentes não-bióticos e invólucros de pele artificial. (Land, 2011, p. 421, tradução livre do autor)

Além disso, como mostra Viveiros de Castro (2017), o xamanismo amazônico opera por uma estrutura sacrificial, uma economia canibal no qual o devorador assume o ponto de vista do devorado, em que o “eu” se torna “outro” através da incorporação antropofágica. É o dentro se transmutando em fora, o humano se transduzindo em animal, a partir de um sistema técnico de operações. Sendo assim, o sacrifício postula uma transformação intensiva que modifica a natureza da matéria corporal, onde o xamã carnaliza multinaturezas, é uma economia da alteridade que formula uma continuidade diacrônica através de uma matriz relacional cósmica com os diversos estratos e fluxos perspectivistas. No plano de consistência²⁹, é obliterado

²⁶ O filósofo Boaventura de Sousa Santos (2010) mobiliza esse conceito ao diagnosticar o pensamento ocidental como um pensamento abissal, que separa o humano do sub-humano, o visível do invisível.

²⁷ O xamanismo registra uma síntese conectiva das várias perspectivas e mundos animais e espectrais, que só com a morte poderia ser alcançado.

²⁸ Land, 2011, p. 420

²⁹ Conceito utilizado por Deleuze e Guatarri (2010) para se referir ao plano de imanência, um campo de pura multiplicidade, forças e conexões, pré-individual à cristalização da síntese conjuntiva dos sujeitos. É plano que as máquinas abstratas agem.

o baluarte moderno das fissuras abissais; no campo das intensidades puras, todo tipo de captura é possível, é uma máquina abstrata operando sob um regime de filiações infinitas: eu-outro, dentro-fora, natureza-cultura, humano-inumano, animal-inorgânico, epistemologia-ontologia, orgânico-maquínico, transcendência-imanência. Enquanto o regime assimétrico da modernidade postula um pensamento dos polos (bifurcações produzidas pela máquina binária), o xamanismo postula um pensamento dos trópicos, dos meridianos, dos interstícios, no qual, através de um canibalismo sacrificial ciborgue, faz a passagem da linha abissal que separa o mundo humano do inumano, transduzindo o “mero fato bruto em um artefato”³⁰. Por meio de um circuito tecnoprodutivo do real inumano, o xamanismo incorpora artifícios e engendra uma amálgama entre elementos heterogêneos a partir de um canibalismo ciborgue no qual opera uma filiação com o inumano e se personifica o outro, ao sacrificar seu próprio mundo e sua perspectiva antropológica.

Dessa forma, influenciado por todo esse aparato conceitual, busquei formular uma nova perspectiva para o ensino de filosofia, no qual a figura do professor assumiria essa tarefa quase que xamânica de criar e emergir mundos para as e os alunos, uma tarefa fundamentalmente metafísica e sacrificial.

Primeiramente, essa ideia de produção intensiva do real através da atualização coletiva dos esquemas conceituais advém de uma síntese de desnaturalização do cosmos, no qual se entende que não há nada dado, bruto ou já individuado. O mundo antrópico é um aparato produzido tecnoconceitualmente pelos circuitos de carne dos agentes cosmológicos humanos e seus artefatos que mediam suas perspectivas. Imanente ao plano das multinaturezas, há uma multitude real objetiva distribuída em vários estratos perspectivistas de agentividade (mineral, humano, animal, inorgânico, conceitual). Sendo assim, a tarefa magisterial deve operar sob o índice da produção ao invés da reprodução, no qual o professor, enquanto interlocutor cósmico, integra uma série de conectores tecnoconceituais que atualizam coletivamente a cadeia produtiva daquele conteúdo, fazendo os e as alunas operarem uma translação de Naturezas, mundos e perspectivas, uma ontogênese magisterial. Cito Simondon:

Compreender Pascal é refazer de suas mãos uma máquina como a dele, sem copiar, transpondo mesmo se possível em um dispositivo eletrônico de somar, para reinventar em vez de reproduzir, atualizando os esquemas intelectuais e operacionais que foram utilizados por Pascal. Cultivar é atualizar

³⁰ Viveiros de Castro, 2018, p. 52.

analogicamente os esquemas humanos reais, e não se ocupar de maneira acessória dos agitos que tal invenção, tal publicação tiveram na contemporaneidade, pois não são essenciais, ou pelo menos não podem ser capturados senão em referência ao pensamento original, à própria invenção. (Simondon, 2020, p. 152)

Entretanto, para fazer emergir esses mundos conceituais para os e as alunas, o docente deve primeiro operar um sacrifício: a devoração da alteridade, para que se possa penetrar outro estrato perspectivista. Conhecer é personificar, diz a máxima perspectivista. Para ensinar, deve-se tornar outro, e esse outro é propriamente aquilo que se pretende ensinar. O botânico deve incorporar um devir-planta, o professor de filosofia um devir-conceito, uma máquina antropofágica agregada a sistemas homeostáticos produtores de mundos e perspectivas. Nessa série labiríntica de aparatos acoplados à hipermáquina magisterial, o professor pode incorporar a esse sistema qualquer dispositivo que intensifique a desestratificação perspectivista das partes protéticas (alunos, alunas, professor). A escola, como uma megamáquina xamânica, deve sintetizar um atravessamento carôntico de fluxos, intensidades, mundos e perspectivas. Assim como uma máquina cibernética, que além de produzir uma simbiose entre máquina e organismo (ciborgue), também associa o sistema ao mundo exterior, um devir-conectivo entre o eu e a alteridade, o organismo antropotécnico e o fora inumano, como escreve Wiener:

Em síntese: os numerosos autômatos da era atual ligam-se ao mundo exterior tanto na recepção de impressões como no desempenho de ações. Contêm órgãos sensoriais, efetores, e o equivalente de um sistema nervoso para integrar a transferência de informação de um para outro. Prestam-se bem à descrição em termos fisiológicos. E quase um milagre que possam ser submetidos a uma teoria com os mecanismos da fisiologia. (Wiener, 2017, p. 67)

Para efetuar esse xamanismo cibernético, o docente pode operar uma filiação extensiva de próteses na cibergênese intensiva do real-conceitual, assim como o xamã acopla artefatos à sua engenharia corporal para poder sintonizar com outros mundos inumanos. Sendo assim, o *fora* pode ser um artifício no circuito da ultramáquina magisterial do docente, operando por uma filiação e captura de *feedbacks* positivos do processo de artificialização da terra. Algo que busquei fazer na minha aula no Estágio III, quando propus uma mediação com o espaço aberto na tentativa de capturar investimentos informacionais com o meio geográfico, para obter

uma síntese produtiva dos conteúdos que eu estava lecionando, que no caso eram sobre a revolução científica engendrada por Galileu. Nesse mesmo contexto, integrei também um aparato produtivo de experimentos, tanto mentais quanto físicos, no esforço de fazer com que os e as alunas se transportassem para o cosmos moderno ao atualizar coletivamente os esquemas intelectuais de Galileu.

No caso da minha aula no Estágio IV, o dispositivo acoplado ao circuito produtivo do conteúdo não foi o espaço aberto, mas sim a mediação lúdica. Ao operar o jogo, busquei, a partir de uma patafísica hipersticional imanente ao impulso lúdico, produzir ontologicamente a temática sobre Ética, em que, ao serem confrontados por aqueles dilemas éticos, os e as alunas tinham que argumentar para que o trilho deles não fosse escolhido.

O impulso lúdico, como conceitua Schiller (2017), também opera por um regime híbrido-ciborgue, no qual forja uma simbiose entre o impulso sensível (sensibilidade) e o impulso formal (racionalidade), categorias estas que foram bifurcadas na economia purificadora moderna. Essa captura institui uma nova península para a liberdade humana, traçando uma fuga a veneração da razão postulada pela modernidade, e operando na cadeia produtiva do mundo conceitual da aula, funcionando como um artefato incorporado no sistema magisterial, no qual o professor, enquanto interlocutor cósmico de várias perspectivas, produz uma tecnogênese ontológica do real inumano imanente aquele mundo conceitual.

Foi engendrada, assim, uma ficção lúdica coletiva que tentava fazer emergir os mundos conceituais através de um canibalismo sacrificial de perspectivas. Ao conectar a mediação lúdica a cadeia híbrido-protética magisterial (o quadro, a fala, os e as estudantes, o pensamento), operava um sistema de captura ciborgue, que, além de efetuar um curto-circuito no regime binário mononaturalista (por associar elementos divorciados no pensamento moderno), também produz um tecnocanibalismo capaz de transmutar a perspectiva das e dos alunas ao produzir coletivamente com eles e elas um outro real, um outro mundo, uma outra perspectiva fora dos grilhões humanos, uma alteridade ontológica incorporada agora no espaço amostral das múltiplas naturezas.

5. Plano de Ensino

Além da preocupação profundamente metodológica da minha pesquisa, um outro aspecto fundamental concerne às implicações temáticas presentes no ensino de Filosofia. O cânone filosófico presente na educação é completamente enraizado nas sistematizações hegemônicas ocidentais, sem qualquer espaço para um diálogo mais global. Sendo assim, na tentativa de traçar uma linha de fuga dessa narrativa monocultural, proponho um plano de ensino que não só traz as filosofias exiladas da tradição, como também uma temática cara a minha pesquisa: as diferentes concepções de Natureza.

Segunda Série do ensino médio			
	Expectativas de Aprendizagem	Eixo temático	Conteúdos programáticos
1º Semestre	Compreender a passagem do mundo medieval para o mundo moderno	O Nascimento da Filosofia Moderna	Revolução Científica
			O Cogito e o Racionalismo Cartesiano
			Empirismo (Locke & Hume)
	Entender os novos paradigmas colocados pela ciência moderna		O poder absoluto em Hobbes
	Discutir as diferentes concepções epistêmicas da modernidade		A vontade geral em Rousseau
	Problematizar as múltiplas teorias políticas modernas		Os direitos naturais na filosofia política de Locke
	Desenvolver um senso crítico e ético		A Ciência Moderna
			A Revolução Copernicana de Kant
			Os Valores Morais (Teorias Éticas)

Primeira Série do ensino médio			
	<i>Expectativas de Aprendizagem</i>	<i>Eixo temático</i>	<i>Conteúdos programáticos</i>

2º Semestre	Problematizar a ideia de um único conceito de natureza	Uma só ou várias Naturezas?	Conceito de Natureza na Antiguidade
	Compreender que a multiplicidade ontológica é signo da diferenciação de cosmovisões		A Dominação da Natureza na modernidade
	Caracterizar as múltiplas ontologias modernas, extramodernas e orientais		Deus ou Natureza (Espinosa)
	Entender o que chamamos de Natureza e os pressupostos envolvidos		O conceito de natureza na filosofia indiana
	Discutir sobre o cânone filosófico e o apagamento de filosofias não-ocidentais		Animismo Indígena e o Multinaturalismo

6. Bibliografia

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Trad., textos adicionais e notas: Edson Bini. 2.ed. São Paulo: Edipro, 2012.

BENNET, J. **Vibrant matter**: a political ecology of things. Durham: Duke UP, 2010.

COCCIA, E. **A vida das plantas**. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2010.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **O Anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Luiz B. L. Orlandi e Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **O que é filosofia**. São Paulo: Editora 34, 1997.

DESCARTES, R. **Meditações**. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

DESCOLA, P. **Para Além de Natureza e Cultura**. Niterói: Eduff, 2023.

HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do espírito**. Tradução de P. Menezes. Petrópolis: Vozes, 2005.

HUI, Y. **Tecnodiversidade**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

KANT, I. **Crítica da razão pura**. Tradução e notas de Fernando Costa Mattos. Petrópolis: Vozes, 2012.

LAND, N. **Fanged Noumena**: collected writings 1987-2007. Falmouth: Urbanomic, 2011.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 4. ed. São Paulo: Editora 34, 2019.

LEIBNIZ, W. **Monadologia**. Lisboa: Edições Colibri, 2016.

MALLARMÉ, S. **Um Lance de Dados**. Tradução de Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2013.

NOVAES, T; VILALTA, L; SMARIERI, E (orgs.) **A máquina aberta**: a mentalidade técnica de Gilbert Simondon. São Paulo: Dialética, 2022.

PERES C. **Imagem-experiência**: Uma abordagem do processo inventivo em fotografia em diálogo com Gilbert Simondon. São Paulo: Editora Dialética, 2024.

PRECIADO, P. B. **Manifesto Contrassexual**. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, B. S; MENESES, M. P. (org.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTAELLA, L. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SCHILLER, F. **A educação estética do homem**: numa série de cartas. Tradução: Roberto Schwarz e Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 2017.

SIBILIA, P. **Redes ou paredes**: a escola em tempos de dispersão. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SIMONDON, G. **A individuação à luz das noções de forma e de informação**. São Paulo: Editora 34; 2020.

_____. **Do modo de existência dos objetos técnicos**. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2020.

VIVEIROS DE CASTRO, E. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

_____, E. **Metafísicas canibais**. Elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Ubu Editora. N-1 Edições, 2018.

_____, E. **Por um primitivismo estratégico: um diálogo entre Eduardo Viveiros de Castro e Yuk Hui**. Tradução de Emanuel Pedro Martins Gomes, Revista Linguagem em Foco, v.15, n.3, 2024. p. 154-167. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/12664>.

WIENER, N. **Cibernética: ou controle e comunicação no animal e na máquina**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

Anexo I (Plano de Aula)

PLANO DE AULA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação - CEPAE

Disciplina: Filosofia	Turma: 1º A
Dia: 04/11/2024	Série: 1º A
Carga horária: 1h30	
Professor: Fabrício David de Queiroz Estagiário: Erick Sousa Charu	
TEMA DA AULA INTRODUÇÃO A ÉTICA E MORAL	
OBJETIVO GERAL Sensibilizar e introduzir os alunos ao conteúdo de Ética e Moral, por meio da discussão de dilemas éticos. OBJETIVOS ESPECÍFICOS • Fazer uma breve explanação introdutória dos termos “moral”, “ética”, “valores” e “dever” • Problematicar como diferentes juízos de valores fundamentam diferentes concepções éticas • Discutir sobre a multiplicidade de valores éticos (Axiologia) • Fazer uma introdução sobre as três principais concepções éticas (deontológica, consequencialista e da virtude) • Desenvolver habilidades de argumentação e problematização sobre questões éticas, por meio de mediação lúdica com o jogo Trial by Trolley	
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO • Conceitos de Ética, Moral, Bem, Mal, Dever e Valor • Concepções éticas: deontológica, consequencialista e da virtude • Valores éticos (Axiologia): liberdade, felicidade, desejo, razão, beleza, verdade, autonomia, cultura, religião, natureza humana, não-humano, virtude, consciência, indivíduo, sociedade, regra e utilidade • Dilemas éticos: princípios, deveres e concepções éticas METODOLOGIA • Introdução expositiva e dialogada sobre os temas da moral, da ética, do valor e do dever (20 min) • Debate, a partir de exemplos do cotidiano, como diferentes valores éticos levam a diferentes concepções éticas (20 min)	

- Mediação lúdica em sala por meio do jogo Trial by Trolley, com a atualização de dilemas éticos visando à compreensão e o cultivo coletivo de argumentos por parte dos alunos e alunas a respeito do tema (50 min)

RECURSOS DIDÁTICOS

- Computador
- Projetor
- Quadro
- Giz
- Jogo on-line

VI – BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando**: Introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 2018.

HOUSER, S. **Trial by Trolley**. EUA: Skybound Games, 2020. Jogo de tabuleiro.

VII – BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Coleção: Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

DALL' AGNOL, D. **Ética**. Florianópolis: Filosofia/EAD/UFSC, 2008.

KANT, I. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes**. Trad. Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 1986.

KANT, I. **Crítica da razão prática**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

MILL, J. S. **Utilitarismo**. Porto: Porto Editora, 2005.

Singer, P. **Ética prática**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FUNCIONAMENTO DO JOGO

O jogo é online e consiste na seguinte dinâmica: primeiramente é escolhido aleatoriamente quem será o maquinista do trem, posteriormente é separado a turma em dois grandes grupos. A partir disso, serão retiradas 3 cartas para cada grupo, duas que representam coisas ruins (como o Godzilla que vai destruir a cidade ou um torturador) e uma que representa algo bom (como a pessoa que descobriu a cura do câncer). Após isso, os dois grupos vão tentar argumentar do porque o maquinista não deve escolher o trilho deles para passar e sim o do outro grupo. O intuito é fazer com que os alunos se utilizem dos aparatos conceituais apresentados durante a aula na argumentação do jogo. O grupo que o maquinista passar menos vezes é o